

Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário * 23 de Maio de 1987 * Ano XLIV — N.º 1127 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Partilha

Das montanhas onde me encontro, em Retiro, terel muito gosto de partilhar convosco não só as maravilhas de Deus, bem vivas nas montanhas, rios, animais e plantas, como algumas experiências espirituais que vos possam ajudar no Caminho da Vida Eterna.

Somos todos peregrinos.

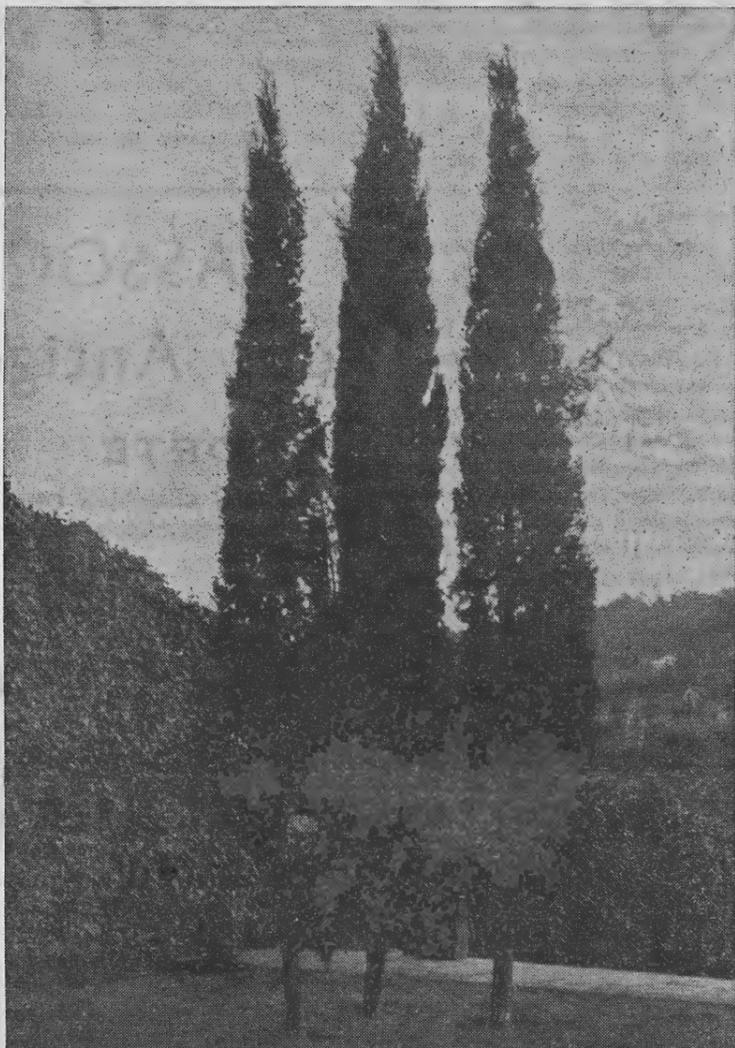
É hoje e agora o tempo que o Senhor nos dá para a longa caminhada até à nossa Pátria.

São tantas as nossas preocupações e exigências — e em todos os meios sociais onde vivemos — que, tantas vezes, relegamos para segundo plano ou nem sequer pensamos no problema da nossa Salvação eterna.

Aqui estaremos, portanto, todas as quinzenas — para reflectirmos em comum.

E que Deus nos ajude.

Prende-nos, Senhor,
nos Teus fortes
e admiráveis laços:
os rios,
os montes,



Prende-nos, Senhor, nos Teus fortes e admiráveis laços — os rios, os montes...
— e guarda-nos num cantinho do Teu Coração.

o mar,
as campinas
e as fontes!
Aperta bem

e guarda-nos
num cantinho
do Teu Coração.

Padre Telmo

Cada Freguesia cuide dos seus Pobres

«Naquele tempo», perante «as queixas dos judeus da Dispersion contra os de Jerusalém porque as suas viúvas eram esquecidas no serviço diário, os Doze convocaram a assembleia dos discípulos e disseram: Não convém deixarmos a palavra de Deus para servirmos à mesa. É melhor procurardes entre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, e confiar-lhes-emos essa tarefa».

Feita a escolha dos sete e apresentados aos Apóstolos,

estes «oraram e impuseram-lhes as mãos». (cf. Actos 6/1-6)

O serviço dos Pobres é, pois, claramente assumido pela Igreja dos tempos apóstólicos. E o rito da investidura insinua que houve consagração daqueles sete homens para esta função específica («diaconia»). A Tradição apresenta-os como os primeiros Diáconos.

É este «serviço diário das viúvas» (e nelas se personificam os Pobres em geral) uma parte integrante do ministério apóstólico. «Diário» — é dito

deste serviço; o que significa a sua importância e sugere a necessidade de ser organizado. Tanto que os Apóstolos instituíam uma Ordem sacra para se encarregar dele!

A Tradição da Igreja confirma plenamente a consciência deste dever. E, ao longo da sua história, sempre Ela se ocupou dos Pobres e preocupou em achar respostas adequadas à variedade das suas carências.

A palavra de ordem, que tomamos por tema, não é uma descoberta de Pai Américo com

SETÚBAL

Na Casa do Gaiato vivem sentimentos contraditórios em catadupa: alegrias e tristezas, esperanças e desilusões, fracassos e vitórias. Tantos quantos cada rapaz.

Por fraqueza, sou o mais dominado pelos negativos.

O pastor tem cem ovelhas. Uma que foge, arrebatá-o. Não pensa em mais nenhuma. Aquela absorve-o completamente.

Não fazemos milagres. É preciso acudir a tempo ao fogo para não sermos carbonizados!

O Padre Américo diz isto mesmo com toda a eloquência: «A miséria vence, meus senhores. Nós somos uns derrotados».

A criança das ruas precisa que se lhe acuda a tempo. No desenrolar da adolescência não há capacidade de adaptação a uma Casa do Gaiato. É a experiência a falar por dezenas e dezenas de casos. A natureza humana não se altera por força das leis, por mais que a gente queira ou sonhe.

Despachava eu o correio das oficinas, quando toca o telefone. — É do Tribunal, o sr. Dr. Juiz — informa o telefonista.

Passava das dezassete horas. Pressenti logo do que se tratava e quem me queria falar. Após os cumprimentos, e

depois de ser amaciado com elogios, ouço o que já adivinhava.

— Não me elogie, sr. Doutor! Quem abre a porta da minha disponibilidade é o rapaz que tem na frente e a tragédia humana que o envolve — apeteceu-me gritar.

— Tenho aqui um rapaz de treze anos que faz para aí uma série de traficâncias... e não tem ninguém.

As linhas telefónicas retiniam o tom sofredor e impotente da voz judicial.

— Só V. lhe pode dar a mão!

É tão saboroso sentir que há no mundo gente que ama a Justiça que os Tribunais não podem fazer! É tão bom! Sabe tão bem subir os escadórios do Tribunal iluminados pela certeza de que vamos encontrar, no seu gabinete de Juiz, um homem que ama e sofre! Não há prazer que se lhe compare.

Das oficinas ao Tribunal é um pulinho. Fui a pé. Cruzei-me com as multidões regressando do trabalho. Nesta cidade proletária, a estas horas, as ruas enchem-se de homens e mulheres carregados de preocupações e distraídos, tantas vezes, do fundamental por milhões de vozes. Eu fixava toda a minha intensidade interior no drama daquele adolescente, ouvindo já dentro de mim o clamor da incapacidade: — Como é que a gente pode?! O mundo não entende. Há muito que aquele rapaz deveria ter encontrado um ambiente familiar. Agora é tarde. «Serei derrotado.»

No gabinete judicial encontro um homem a entrar na terceira idade, vivendo só e a fazer da taberna o lugar privilegiado de longos períodos de lazer, que tentou amparar aquele rapaz desde os nove anos. Os convivas de duas tascas vizinhas chamam-lhe o «Sandokan». Eu já conhecia o caso. Andei atrás do moço, num dia de chuva, pelas barracas rotas do bairro.

Olho o réu. Cabelo grande e povoado; cara fina mas desconfiada. Tento, em vão, conversar com ele: — Queres ir para a Casa do Gaiato?

Fixando os olhos e o rosto no soalho, evita instintivamente cruzar o seu olhar com o meu

Cont. na 3.ª pág.

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Na vida a que nos devotamos, encontramos de tudo. O reino dos Pobres é muito específico. E, quantas vezes, eles são um alerta para as nossas limitações! Uma das melhores partes da mística vicentina.

Uma família que visitamos, é olhada de soslaio, marginalizada. Contudo, necessariamente, estamos e somos para esta classe de gente.

Diagnóstico da situação: um complexo problema, d'ordem psicológica também.

Já demos voltas para o homem trabalhar. «(...) Hoje foi cimentar uma placa» — revela a mulher. E o filho mais velho — oh lei das compensações! — espírito vivo, ainda que marcado pelo ambiente familiar (a cara o diz), procura vencer! «Tem bom aproveitamento na Escola...»

Enquanto a mãe desabafa — cingindo o miúdo ao peito — os olhos do mocito faiscam ao escutar que «tem bom aproveitamento na Escola». Estímulo maternal.

«(...) Que querem que eu faça?! — continua a mulher. Se digo ao meu home pra ir trabalhar, mais apanho! Apetece-me...!»

Não acrescentamos mais, por decoro. Emudecemos — como a criança — por respeito às crianças. Do mal, o menos; que o resto virá por acréscimo, temperado na Esperança.

PARTILHA — Assinante 29756, do Porto, um cheque «proveniente da nossa renúncia nesta Quaresma,

com arredondamento»; e «oxalá consigamos aperfeiçoar a nossa Vida». É, assim, o amor conjugal!

A «partilha habitual», com «saudações fraternas», da «Assinante de Paço de Arcos». Perseverança cristã! «Maria de Portugal»:

«Neste mês da Mãe, das Mães, seria possível dar essa ajudita (1.000\$00) a uma mulher (viúva ou em outro estado civil) que queira ser Mulher no meio da sua pobreza?»

Foi para as mãos duma viúva, heroína que tem criado os filhos com muita dignidade. Bendito seja Deus!

Assinante 8015, do Luso, remanescente de contas com O GAIATO. Também do Luso, a presença amiga duma recoveira dos Pobres para um caso referido nesta coluna.

500\$00 duma vizinha, de Cête. Oito vezes mais, da assinante 20014, da Capital. Um vale de correio da assinante 27063 para outro caso referido nesta coluna. Muito oportuna!

Curvemo-nos à passagem deste óbulo:

«A minha pensão, depois de descontar os 70% para o nosso santo Lar, não me dá ocasião para ofertas substanciais, como era meu desejo; mas, são sempre as ofertas da pobre viúva, dadas com o coração...»

A propósito: Recebi esse cheque (1.000\$00) de uns bons amigos que, connosco, viveram em Moçambique, para comprar uns doces no dia em que fazíamos anos, pois fazíamos no mesmo dia, meu marido e eu. É para mim mais doce que sejas vós a adoçar a boca de alguém que, como eu, já tenho 82 anos...»

Para que a oferta seja — como é — tão cheia de delicadeza cristã, seria profanar dizer donde, de quem. Fica tudo, só, no conhecimento de

Deus. É mais um Óbulo da Viúva! «Embora um pouco atrasada (mais vale tarde que nunca), aqui vão as «amêndoas» de Páscoa para a queridíssima Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa», duma Viúva lisboeta, invocando o marido e a tia.

Mais 500\$00 da Rua Gil Eanes, Vila Nova de Gaia. Valiosa oferta da Rua das Amoreiras: «Habitual ajudita mensal que, «daqui em diante, será de 1.000\$00 porque meu marido foi aumentado e os filhos saíram, tenho menos despesas».

Maria Luísa, da Foz do Douro, 2.500\$00 e um voto: «Seja pela saúde da minha netinha». As avós são mães duas vezes!

Assinante 9151, de Belazaima do Chão, também em nome da irmã, boa remessa para vários sectores — não esquecendo os nossos Pobres.

Por fim, a «modesta contribuição» — sempre tão repolbuda! — da assinante 31104, que seria para a Páscoa de vários Pobres, indicados um por um, com delicadeza. E uma invocação: «Que na planta da minha alma exista o compartimento da aceitação» — já expresso no seu desejo!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PISCINA — A nossa piscina está agora modernizada. Tem um sistema de filtração de água, que nos ofereceram. Podemos tomar banho sempre com a mesma água, durante o Verão, pois este sistema permite que a piscina fique sanitariamente em ordem.

OBRAS — Continua em bom andamento a construção do novo edifício para a tipografia.

O nosso bar beneficiou de algumas reparações, em portas e caixilharia, além duma pintura geral.

CARAS NOVAS — Mais dois rapazes entraram para a nossa Casa: o Sérgio e o «Pato Bravo».

Adaptaram-se perfeitamente ao ambiente e já fazem parte do grupo da lenha.

DESPORTO — Em 29 de Março, defrontámos a Juventude do Carmo, de Penafiel. Vencemos por 5-2, num jogo que dominámos totalmente, embora o adversário não se desse por vencido.

Jogámos, a 2 de Maio, com uma equipa de Giesta. Um jogo disputado palmo a palmo. A equipa visitante ganhou por 3-2.

CENTENÁRIO DE PAI AMÉRICO — Por causa do Centenário de Pai Américo, muitas pessoas têm-nos visitado para conhecerem mais de perto a Obra da Rua que Pai Américo fundou.

Grupos de estudantes e muitas famílias percorrem a nossa Aldeia, movidos pela curiosidade e saem contentes por verem, na Obra, a imagem de Pai Américo.

TRABALHO — Trabalho é coisa que não falta nas nossas oficinas!

A tipografia, serralharia e carpintaria recebem, constantemente, encomendas de clientes que procuram os nossos serviços. Temos clientes e amigos que, há largos anos, servimos o melhor que é possível, dentro das nossas limitações.

REFINICIO DAS AULAS — Recomeçou o terceiro período de aulas.

As notas, no segundo período, não foram muito boas. Com certeza serão substancialmente melhoradas no último período.

AGRO-PECUARIA — Semeámos batata. A sementeira do milho não

tardará. Esperamos que a colheita seja proveitosa para a nossa comunidade.

Entretanto, começaram os tratamentos da vinha que, se o ano for propício, a vindima será proveitosa, pois as vinhas estão com bom aspecto e os cachos desenvolvem-se diariamente.

Na vacaria tudo corre pelo melhor. Muito leite! Já vendemos alguns vitelos. O que prova que se trabalha, e bem, apesar dos vaqueiros serem rapazes entre os 14 e 16 anos.

Ludgero Paulo

ASSOCIAÇÕES dos Antigos Gaiatos

NORTE

Na última Assembleia Geral foram aprovados dois pontos importantes:

1. Muitos antigos assinantes do «Famoso» se devem lembrar do Júlio Gomes cujo nome aparecia muitas vezes no jornal.

Naquele tempo foi um rapaz saudável, esperto, cheio de vida. Hoje, é um homem marcado pela dureza da vida, que nos últimos anos o tem feito sofrer. Sozinho e doente, não tendo sequer onde dormir, um dos nossos Padres, tendo conhecimento da situação, arranjou onde ele dormisse e tivesse as duas refeições diárias, pagando-lhe a respectiva mensalidade.

Conhecedor dos nossos Estatutos, onde uma das alíneas consagra o amparo dos nossos irmãos em situação difícil, o nosso Padre entregou-o aos cuidados da nossa Associação, cuja Assembleia, em reunião acima referida, concordou recebê-lo.

Alguns dos nossos colegas têm sido incansáveis no apoio e amparo a este companheiro, que esperamos saiba aproveitar a oportunidade que estamos a proporcionar.

Está assim iniciado um dos objectivos para que foi fundada a nossa Associação.

2. Aprovação do símbolo da Associação: O esboço da nossa Aldeia, uma pequena amostra da capela, do refeitório e da escola, tendo como figura central o busto do Pai Américo, que representam para nós, antigos gaiatos, pontos principais que marcaram para sempre a nossa passagem pela Casa do Gaiato. Esperamos que seja do agrado de todos os antigos gaiatos que estiveram ausentes na Assembleia Geral.

AVISO IMPORTANTE — Devido à convocação das eleições para o dia 19 de Julho,

avisamos que o nosso Convívio anual, em Paço de Sousa, marcado para aquele dia, foi transferido para o dia 26 de Julho.

Carlos Gonçalves

CENTRO

No próximo dia 14 de Junho realizaremos mais um Encontro na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Esperamos cada vez maior comparência de antigos colegas — para boa convivência e enraizamento da nossa Associação — não só desta zona mas dos que foram de outras Casas (e se encontrem por cá). Para esses, não é preciso convite nem comunicação especial. Basta que se apresentem na data indicada com suas famílias ou sós (como entenderem), em Miranda do Corvo. Serão integrados com facilidade no nosso meio para passarmos juntos mais um dia de recordação e convívio fraterno e franco, certos de que voltarão sempre que surjam oportunidades.

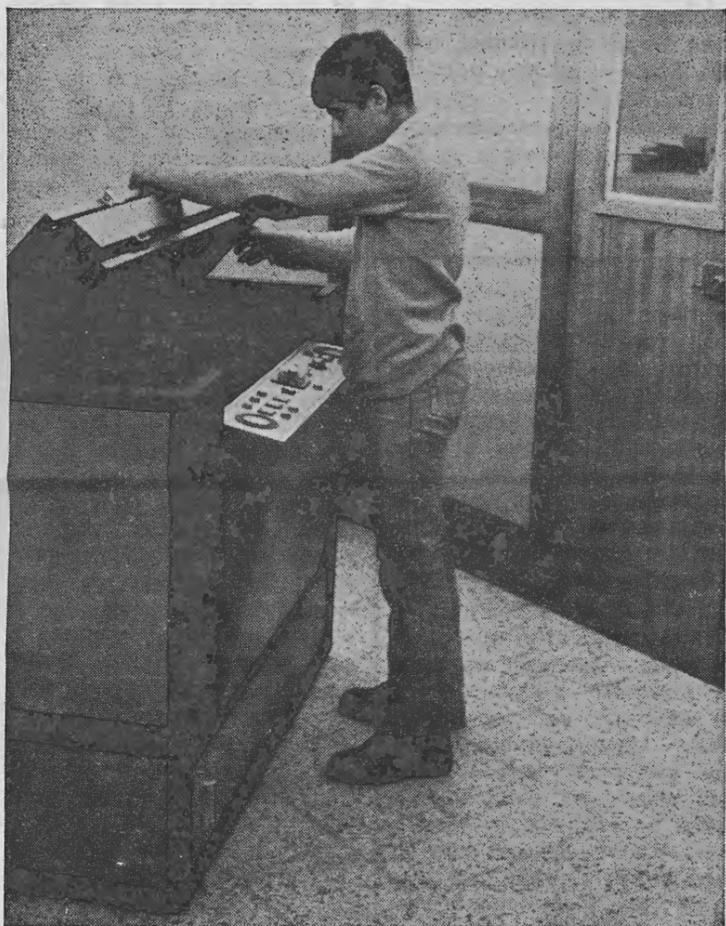
Também poderão levar outros amigos, que nos interessa fiquem a conhecer a Obra da Rua, se ainda não tiveram o ensejo de visitá-la ou contactá-la de perto.

Não queremos deixar de lembrar que, este ano, haverá eleições para novo mandato de responsáveis da nossa Associação. Temos interesse que apareçam novos timoneiros e surjam novas ideias com pessoas diferentes, possibilitando assim o engrandecimento da Associação.

João

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor nos escreva — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



Oficinas gráficas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Repare-se no semblante do jovem — fascinado com inovações tecnológicas.

Do que nós necessitamos

Como podemos parar, quando tantos e tantos nos estendem a mão?! Olho para o meu lado direito e, pendurado na parede, um quadro com estes dizeres: «Irmão, ama a Deus e todos os homens; mas que esse amor saia da força dos teus braços, do suor do teu rosto, do vigor das tuas mãos e da tua alma». Olho as cartas que nos mandais e vou lendo: «Junto envio um cheque de 6.300\$00, que foi o aumento que minha reforma teve este ano». Podia ter posto no monte. É o fruto do suor de muitos anos e da força dos braços. Mas o amor apontou-lhe outro caminho. 20.090\$00, de uma apaixonada que vai fazendo apaixonados pela leitura d'O GALATO. Mais 40.000\$. E mais 50.000\$00, de amigo que vem muitas vezes. No Teatro Sá da Bandeira e referente ao mês

de Dezembro, um cheque de 25.000\$00 e 28.900\$00 em numerário. V. P., 2.000\$00. Uma caixa com camisas DC e mais caixas com camisas e calças que pusemos no «sapatinho» dos mais velhos. Deixai passar a «anónima», de Guimarães, que tirou 1.500\$00 ao seu salário para nos ajudar a ter uma boa consoada. Recebemos os dicionários todos. Este recado é para «um grupo de Amigos de Tomar»; Ermesinde volta com 3.000\$00; TLP, em grupo, com 2.500\$00; de Irene, 30.000\$00; do João Pedro, 2.000\$; e 10.000\$, da Rua Ilha Verde. 100 dólares, do amigo de longe, mas bem pertinente «de toda essa grande família que é a Casa do Galato». De Gala, mãe e filha com 4.000\$; de Viseu, 2.000\$; 7.500\$, de Santa Marinha; 3.000\$00, de assinante, de Valongo; cinco mil «para ajudar na prenda de tantos sapatinhos»; amigo que lamenta o seu atraso, vem com 5.000\$00; outro com 2.000\$00; amiga que anseia um Natal permanente e verdadeiro em todos os dias do ano; 5.000\$, de Professor universitário; e 15.000\$00, do Vimieiro. Fomos buscar o bacalhau e mercearia à rua de S. João. Presente Rio de Mouró; também presente o assinante 19866 com 15.000\$; e Dr. Jaime com 31.000\$00.

Vamos ler todos juntos: «Tenho aqui O GALATO de 6 de Dezembro. Li as histórias vivas de irmãos que sofrem e de irmãos que se dão. Na coluna «Do que nós necessitamos» encontrei-me, graças ao Pai, no anonimato dos muitos irmãos em Cristo. O que damos não é nosso, é de todos, dos que necessitam — e por isso não nos pertence. Estamos aqui ao calor da lareira (a minha mãe, uma senhora que vive conosco e eu), três mulheres que temos mais do que necessitamos. Há aqui amor, calor humano, respeito pelos Direitos do Homem, sede da Mensagem do Evangelho. — Fazei-me conhecer, Senhor, os Vossos caminhos. E O GALATO também me ajuda a conhecê-los.

«Aqui vai uma história verdadeira que me fez sofrer... Pensei contar-vos esta história de dor, falta de amor e fome e frio que me faz sofrer aqui ao pé da porta. O que será possível fazer?»

Antes de mais, amar e continuar a amar. A história daqueles filhos vai fazê-la sofrer porque ama. Não deixe de sofrer que os caminhos se vão iluminando. Não sabemos dizer-lhe mais nada, neste momento. Resta-nos amar e sofrer também. 50.000\$ para as duas assinaturas do jornal; dez

mil para o mesmo fim; e 12.000\$00, de Braga, do assinante 19105, a quem muito devemos em amizade, de há muito tempo. 20.000\$00, da assinante 6310 que vai acompanhando esta grande família a quem deseja um ano muito feliz. Que dizer daquele Padre que voltou com 300.000\$00? Entrou também no caminho dos apaixonados pelos Pobres. É feliz por ser Padre e Padre pobre. A Igreja acredita-se.

Cem mil escudos de alguém com a doença de Parkinson e que sofre muito. O vigor de uma alma mede-se pela capacidade de se dar. Para si, bom Amigo, retribuimos a Paz e Felicidade com a bênção de Pai Américo. Lembramos seu marido e recebemos os 15.000\$00 que nos mandou. Da Matilde, do Funchal, outro cheque de 15.000\$, porque não quer gastá-los em coisas inúteis. De

Leiria, 12.500\$00: «meu contributo para alegrar um pouco». 11.000\$00, de uma amiga, da Covilhã. 10.000\$, da Adília; e o dobro, do extremo sul de Portugal. O mesmo, de Castelo Branco, e «que eles (os rapazes) cresçam com alegria e vontade de viver uma vida digna e séria». 40.000\$00, de Maria Júlia. Fique tranquila, Maria da Piedade, porque chegaram os 4.000\$ que nos enviou. Uma Amiga deseja-nos festas felizes com 1.000\$. Anónima dá 5 vezes mais. As costureiras do Hospital de Santo António vêm com 10.000\$ «para os queridos gaiatos». Sentimos o sabor da família nestes bilhetes tão pequeninos. Em memória da senhora D. Ana 500.000\$ e «não se quer divulgação». Perdoe-nos este pecado!

Padre Manuel António

Cada Freguesia cuide dos seus Pobres

Cont. da 1.ª pág.

em consequência. E nós, dois mil anos depois, neste século luminoso de ciência e de técnica, esquecemos a lição?... Mais! parece que perdemos a sensibilidade a uma reclamação tão fundamental da vida cristã, a atender necessariamente, para que possamos julgar-nos e dizer-nos animados por ela!

Pois se assim é, não tenhamos pejo no «regresso... que é progresso social cristão».

«Naquele tempo», os Apóstolos pensaram que não era conveniente deixar o ministério da palavra para servir à mesa. Mas não se demitiram deste serviço. Tomaram a iniciativa de eleger quem, também em nome deles e de toda a

comunidade, se desempenhasse dessa religiosa obrigação.

Neste tempo, em que os leigos procuram a sua identidade de membros de um povo sacerdotal, que o são pela participação do sacerdócio de Cristo recebido no Baptismo — eis um campo de acção que lhes é tão próprio. Participantes do sacerdócio de Cristo, são-no também da Sua «diacónia». Ele veio para servir. Nós estamos para servir.

Apraz-me, pois, registar que, estando em preparação, a nível nacional e ao das dioceses, um Congresso de Leigos, aqui no Porto (falo do que conheço) e na área da acção sócio-caritativa, desejando-se que o Congresso se não reduza a actos mais ou menos académicos, mas que tenha, prevalentemente, um carácter de «metanóia» (mudança de vida), se tenha optado por juntar forças ao empreendimento do Secretariado Diocesano do sector na realização do seu plano pastoral em curso (falamos dele no número anterior) que visa, exactamente, dar corpo e vida ao pensamento expresso na epígrafe: «Cada Freguesia cuide dos seus Pobres».

Na verdade, a estrutura diocesana tem caminhos abertos para uma circulação que vitalize ou mesmo faça nascer nas comunidades, este indispensável cuidado dos seus Pobres. Porque havia o Congresso de procurar outros caminhos se há estes, tão pouco andados, à espera de quem os percorra?!

Que a simplicidade seja dom das vontades que se movimentam. E que Pai Américo continue participante muito activo nestas empresas a que o Espírito de Deus o impeliu enquanto por cá andou; e agora os que cá andam, querem prosseguir, também pela força do seu exemplo e com o auxílio da sua intercessão.

Padre Carlos



DOCTRINA

Não atires pedras às telhas dos mais que as tuas também são de vidro

● Senhora, de Lisboa, cujo nome não conheço: Aquele enxoval rico e pequenino para um recém-nascido, no qual diz haver posto toda a sua devoção, esse enxoval, digo, trazia dentro de si o fermento de uma vida nova; coube a uma meretriz, doente no hospital, em vésperas de ser mãe. Tomou-o nas mãos, apertou-o ao coração num «ai que é para o meu filhinho!» e escondeu-o na cama, muito contente, afagando esperanças...; ela, a pobrezita, a quem a mercancia do lupanar não derrancou ainda a maior glória da mulher.

● Não se escandalize, boa senhora, se padres de Coimbra entram em tais lugares e falam com tal gente, que muito bom é o discípulo que for igual ao seu Mestre; Ele, o Mestre, entra de preferência, ostensivamente, na morada dos pecadores para os santificar e sente infinitamente maior alegria quando algum lhe cai

Cont. na 4.ª pág.

Setúbal

Cont. da 1.ª pág.

e começa a chorar convulsivamente com lágrimas. Eu, mais ainda, sem que ninguém se aperceba, da impotência...

— O rapaz vai fugir, sr. Doutor! Olhe que a Casa do Galato não tem portas.

O meritíssimo Juiz olha-me de baixo para cima, põe o seu olhar confiante no meu. Sinto-me censurado e disparo inseguro:

— Aposto consigo que ele não se aguenta na nossa Casa. — Aposto que ele não foge — retorquiu prontamente.

Que magnífica expressão na boca dum Juiz dos nossos tempos! Como eu gostaria que esta confiança fosse confirmada pela experiência.

Desejando ardentemente perder a aposta, dei ao incipiente criminoso o lugar à minha mesa para que saboreasse a minha companhia e amizade, conversasse descontraidamente comigo e se encontrasse consigo! Saboreava já, no sonho e na confiança timidamente conquistada no final daquela tarde de Abril, a Palavra do Evangelho: «Ele estava morto e reviveu, tinha-se perdido e encontrou-se».

Fez algumas... Das grossas! Fugiu. O tio, assim ele chama ao «Sandokan», veio trazê-lo.

Voltou a fugir e os rapazes apanharam-no e conduziram-no até aqui.

Conhecedor das malhas em que uma rede amiga o poderia captar, desapareceu simplesmente. Amanhã, muito cedo, ocupará um lugar nas nossas prisões.

Não temos uma assistência preventiva. Uma criança não é um cãozinho. Não pode ser entregue a gente que anda de taberna em taberna, com vícios de homossexualidade e quejandos. As leis de protecção à criança das ruas são elaboradas em gabinetes, sem a audição de quem sofre as amarguras que a rua acarreta.

Tenho comigo uma quantidade de crianças que deveriam ser entregues a tantos casais equilibrados, famintos de filhos, e não podem ser adoptadas, simplesmente porque os pais, tendo-os abandonado, negam o consentimento, como donos deles, protegidos pela lei.

Padre Acílio

FESTAS SUL

24 de Maio, 15 h., no Salão dos Bombeiros V. de TORRES VEDRAS.

30 de Maio, 21,30 h., Salão Paroquial — FERNAO FERRO.

CENTRO DO PAIS

23 de Maio, Cinema Messias, MEALHADA.

29 de Maio, Cine-Teatro Império, LOUSA.

30 de Maio, Salão dos Bombeiros, CANTANHEDE.

31 de Maio, Teatro Alves Coelho, ARGANIL.

AQUI LISBOA!

«Quando a Mocidade se apaixonou por um ideal, não há nada que possa conter os seus ímpetos. Não sabemos doutro ideal mais alto do que este: Amor de Deus e do Próximo». (Pai Américo)

João Paulo II tem, na verdade, um poder de comunicação extraordinário, que se torna mais patente quando dialoga com os Jovens ou a eles se dirige. Pode-se afirmar, sem dúvida, ser um apaixonado pela Juventude, reafirmando a cada passo uma «opção preferencial» pelos mais novos. E ainda bem que assim é, porque os Jovens são o futuro e só eles poderão dar a volta, passe a expressão, a um mundo envelhecido e anquilosado, sem ideal nem força anímica, decrépito e materializado.

Na sua Mensagem para o Dia Mundial da Juventude, celebrado na Argentina no passado dia 12 de Abril — relembrando o testemunho do Apóstolo S. João, quando afirma: «nós reconhecemos e acre-

ditamos no amor que Deus tem por nós» (1 Jo. 4,16) — o Papa, citando a sua primeira Encíclica, recorda que «o homem não pode viver sem amor», para, em seguida, indo ao encontro das aspirações mais profundas dos Jovens, lhes anunciar a Esperança e transmitir um apelo, que é de Amor e solidariedade universais, por só o Amor realizar o homem. Que cresçam em humanidade, dando prioridade aos valores do espírito, pois apenas estes geram «homens novos»; que sejam construtores da solidariedade e caminhem unidos. Ao terminar a sua Mensagem, diz o Papa: «Caros Jovens, queridos amigos, sede testemunhas do Amor de Deus, semeadores de Esperança e construtores de Paz».

O mundo precisa de Jovens empenhados, generosos e disponíveis. As injustiças, a que eles são mais sensíveis do que ninguém, assim o exigem. É a construção de uma civilização de amor requer temperas fortes e perseverantes, dispostas ao sacrifício e desejosas de abrir novos caminhos à convivência social. Vinho novo em odres novos; e para traçar pistas novas só com homens novos, diremos nós.

Por sua vez, a propósito do XXIV Dia Mundial de Oração pelas Vocações, o Santo Padre, dirigindo-se a todos os cristãos e referindo o próximo Sinodo dos Bispos sob o tema «Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo a vinte anos do Concílio Vaticano II», faz um apelo veemente, em particular às famílias e aos responsáveis no campo da educação juvenil (catequistas, professores e escolas católicas) e aos leigos, em geral, de todos os Movimentos, grupos ou Associações Católicas, para que se empenhem de maneira coerente e generosa no campo vocacional, de modo que, fruto da sua vitalidade e maternidade cristãs, surjam dos seus grupos vocações consagradas, sacerdotais e religiosas.

Se todos, na Igreja, recebemos uma vocação é por ela somos responsáveis, não nos podemos todavia alhear — que «o dever de fomentar as vocações (consagradas) pertence a toda a comunidade cristã», como refere o Concílio. De resto, como diz o Papa, «as diferentes vocações são complementares entre si e convergem todas para a única missão». Por elas — vocações ao Sacerdócio e à vida consagrada — devemos sempre e todos orar: «Pedi ao Senhor da Messe que mande trabalhadores para a Sua seara».

Neste ano Centenário do Nascimento de Pai Américo não deixará de ser assaz pertinente o pedido de orações pelas vocações para a Obra, numa altura em que os anos e o desgaste nos vão aproximando do termo da peregrinação terrena ou da incapacidade física e anímica, enquanto os problemas se multiplicam, a necessitar de respostas adequadas. Naturalmente que

este tipo de vocações é específico, aliás como qualquer outro, mas rejeitamos a ideia de que Deus não chama alguns, nomeadamente Jovens, com o «vinde e segui-Me» dirigido aos primeiros discípulos.

O desmoramento moral a que chegámos; o egoísmo e a ansia de prazer; o relativismo das coisas, que leva a justificar todos os meios para atingir os fins propostos, ainda que razoáveis; a abolição da distinção entre o bem e o mal pagam-se por alto preço. A injustiça reina e a expressão latina já várias vezes aqui citada — **Homo homini lupus** (O homem é um lobo para o homem) — tem toda a actualidade. São necessários samaritanos para acudir aos que sofrem, aos que vivem na soli-

lão ou abandonados, às crianças sem família, aos acamados ou doentes sem carinho, aos velhos sem ninguém ou escorçados, etc., que as carências ou misérias são muitas e só quem anda nesta vida as conhece ou avalia.

O Senhor serve-Se de homens frágeis e cheios de defeitos, como nós, para anunciar a Salvação aos seus irmãos. Ele é o modelo de todos os chamados e passou no mundo fazendo o bem, sem ter sequer onde reclinar a cabeça. Libertemo-nos dos grilhões da instalação e do comodismo e tenhamos a coragem de viver corajosamente a Sua Mensagem, não em palavras mas em vida e em obras.

E terminamos, remetendo para a citação de Pai Américo que encima estas linhas, os nossos Leitores, porventura Jovens e em busca de rumo, porque, na verdade, quando há um ideal que nos apaixonou, como o do Amor de Deus e do

Próximo, nada há que nos possa conter. O «vinde e segui-Me», de há dois mil anos, continua de uma actualidade candente, que só a inércia ou a surdez espiritual não deixará ouvir.

● Quando estas notas vierem à luz do dia já estaremos na posse da nova impressora offset e dos respectivos acessórios, o que traduzido em cifrões rondará os sete mil e quinhentos contos ou mais. Não nos amedrontamos com os números, que mais nos importam as fontes de trabalho criadas e a aprendizagem dos Rapazes, afinal razão de ser das próprias oficinas.

● Confirmamos a distribuição feita pelas várias Casas do Gaiato das medalhas alusivas ao Centenário de Pai Américo. Os Amigos interessados na sua aquisição deverão contactar as Comunidades da sua zona.

Padre Luiz

Cantinho da Família

■ Aconteceu hoje, ao fim da tarde, à hora da oração em família. Foi um momento grande. Estávamos reunidos no largo da nossa Aldeia, em dia de domingo. Tínhamos encontrado, ao longo da jornada, muitas pessoas. Agora, os mais velhos, nas escadas que dão para as escolas e os mais novos, nas escadas que dão para a Capela iam botando as contas do Rosário. O cenário é a beleza da nossa Aldeia. Noutro tempo, quando andavam por lá, as contas eram outras: o abandono, a rua, a falta de carinho, a fuga à escola, a miséria lado a lado com o seu viver. Não tinham segurança nem futuro.

■ Naquele fim de tarde e naquela hora, veio um rapaz trazer-me recado de que umas pessoas queriam falar-me. Quem havia de ser? E por causa de quem? Oh momento de aflição e de luta!

— Trazemos-lhe um pequeno. Fique-nos com ele. Não diga que não.

Ora falava o senhor Padre de uma freguesia do Norte de Portugal; ora a assistente social que também estava presente; ora o irmão desta. Mas não pode ser assim. Temos a Casa cheia. Pedidos à espera de ser atendidos. O Tribunal de Menores vai ditar sentenças para nos entregar outros tantos. Além disso, há um mínimo de papéis que não podemos dispensar e há um caminho a percorrer. De contrário, é a anarquia.

— Por amor deste pequeno, faça tudo. Está no caminho da perdição. Não podemos levá-lo. Ele vê tudo. Ele sabe tudo. Só há um pano a servir de cortina que o separa da mãe, lá em casa, sempre de porta aberta.

Fui vencido: «Ele vê tudo. Ele sabe tudo. Ele está no caminho da perdição. É preciso salvá-lo, enquanto é tempo». E ficou.

Ora, porque somos família e família cristã, temos também o momento da oração diária, ao fim do dia. Momento tão sagrado como o do refeitório ou da oficina, do recreio ou da escola; do sono ou do serão em frente do écran da televisão. Pai Américo assim o quis. Como o queremos também. Fora de Deus, o autor da Família, como pode ela resistir e aguentar-se? Está aqui, na ausência de Deus e do seu Amor no seio das famílias, a causa da desgraça de muitos

lares. Acredito firmemente que assim é. O regresso a Nazaré é progresso. O encontro das nossas famílias com a Família de Nazaré é certeza de unidade e garantia de felicidade. Assim o creio; assim o transmito.

■ Naquele fim de tarde e naquela hora, veio um rapaz trazer-me recado de que umas pessoas queriam falar-me. Quem havia de ser? E por causa de quem? Oh momento de aflição e de luta!

— Trazemos-lhe um pequeno. Fique-nos com ele. Não diga que não.

Ora falava o senhor Padre de uma freguesia do Norte de Portugal; ora a assistente social que também estava presente; ora o irmão desta. Mas não pode ser assim. Temos a Casa cheia. Pedidos à espera de ser atendidos. O Tribunal de Menores vai ditar sentenças para nos entregar outros tantos. Além disso, há um mínimo de papéis que não podemos dispensar e há um caminho a percorrer. De contrário, é a anarquia.

— Por amor deste pequeno, faça tudo. Está no caminho da perdição. Não podemos levá-lo. Ele vê tudo. Ele sabe tudo. Só há um pano a servir de cortina que o separa da mãe, lá em casa, sempre de porta aberta.

Fui vencido: «Ele vê tudo. Ele sabe tudo. Ele está no caminho da perdição. É preciso salvá-lo, enquanto é tempo». E ficou.

O Carlos Alberto tem 8 anos. É o nome do garoto. Vi a mãe partir e vi as outras pessoas. O Carlos ficou e não chorou. Fomos jantar. Comemos do mesmo prato.

De repente, começa a ficar triste. As lágrimas saem a medo, ao princípio, dos olhos azuis. Depois, em abundância: — Quero a minha mãe! Quero a minha mãe! Meu Deus, que fim de tarde de um domingo de Maio! Quem podia resistir e não ser vencido pela força do Carlos Alberto antes que se perdesse para sempre? Onde encontrar a mãe para enxugar as lágrimas do Carlos Alberto?

E fomos direitinhos, de mãos dadas à sua nova morada, a casa dos da sua idade. Que maravilha! Ah, se fosse poeta... pintor... escritor! Sei lá que mais...!

A porta abriu-se. Todos os habitantes da Casa a recebê-lo. O Sérgio, aquele pequeno encantador da quinzena passada, passa-lhe a mão pela face e pelos cabelos e diz-lhe palavras de ternura de irmão da mesma idade; o «Pomba» fala-lhe baixinho ao ouvido; o «Pintassilgo» anima-o; o Toni e o Zé dão-lhe as mãos. E o Carlos Alberto não chora mais.

Apeteceu-me chorar! Eu, sim, deslumbrado com a beleza deste quadro! Apeteceu-me chorar de alegria e ensofregar o meu canto à Família com as lágrimas do Carlos Alberto e as minhas.

Padre Manuel António

DOCTRINA

Cont. da 3.ª pág.

nos braços, do que na posse dos seus justos, fiéis até à morte.

● É próprio de grandes corações chorar a miséria dos mais; nenhum tão grande nem tão misericordioso como o Coração de Jesus. Ele não deixa apedregar a adúltera, apontada por toda a gente; finge ter sede e pede água à Samaritana, para no fim lhe dar de beber, a ela, pecadora; e, quando Maria de Magdala sai de casa, curiosa, a ouvir o Sermão da Montanha, é sobre ela, fitando-a, que Ele deixa cair os olhos, ao dizer «bem-aventurados os limpos de coração!» Sempre e por toda a parte, a Misericórdia a perseguir a miséria. Sim; não se escandalize.

● O enxoval foi ainda ocasião de largo cavaco a sós, sentados à beirinha do poço de Jacob: «Acredita-Me mulher». Quem sabe? Talvez ela, a pecadora, cansada de enfeites e desenganos, não queira mais beber água dos poços e prefira doravante aquela Água Viva que o Mestre oferece às almas de boa vontade, na Graça dos Sacramentos. E uma vez que pôs todo o seu coração no enxoval, senhora de Lisboa, dê mais um passo à frente e reze por ela e por mim, para que assim se faça.

P. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres*, 1.ª vol.)



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel